

**COMO CITAR ESTE ARTIGO:** ROCHA, P. R. F.; SILVA JÚNIOR, P. A. O eco irônico em *O Mágico de Oz*. *Revista Colineares*, Mossoró, v. 05, n. 01, p. 26-36, jan./jun. 2018.

## O ECO IRÔNICO EM O MÁGICO DE OZ

### THE IRONIC ECHO IN O MÁGICO DE OZ

Paulo Ricardo Fernandes Rocha<sup>4</sup>  
Pedro Adrião da Silva Júnior<sup>5</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo realizar alguns levantamentos teóricos sobre ironia, por sua vez, identificando alguns princípios e tipos de ironia na obra *O Mágico de Oz* (2011), de L. Frank Baum. Vale ressaltar que as investigações abordadas aludirão à ironia em perspectivas literárias e pragmáticas. Encontram-se, nesta investigação científica, os seguintes teóricos: Muecke (1997), Zúñiga (2010), Reyes (1994), Ortega (2005). A pesquisa foi descritiva, realizada através de levantamento bibliográfico. Em síntese, foi perceptível a ironia nas ações dos personagens protagonistas selecionados como *corpus* de análise, respectivamente: o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde. Estes saíram em uma jornada buscando algo que já possuíam: o Espantalho almejando um cérebro; o Homem de Lata, um coração; o Leão Covarde, coragem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ironia. Literatura. Pragmática. *O Mágico de Oz*.

**ABSTRACT:** This paper has goal to bring some theorys about irony, consequentily, identifying them in the work *O Mágico de Oz* (2011). The search will approach irony in the literature and pragmatic. The theoreticians used in this paper is: Muecke (1997), Zúñiga (2010), Reyes (1994), Ortega (2005). This work was a descriptive research, realized by bibliography readness. In short, was seen irony in the actions of protagonists characters selected like *corpus* of analysis, respectively: Espantalho, Homem de Lata, Leão Covarde. They looked for something that they had already: the Espantalho wishing a braind; Homem de Lata, a heart; Leão Covarde, courage.

**KEYWORDS:** Irony. Literature. Pragmatic. *O Mágico de Oz*.

## 1 INTRODUÇÃO

<sup>4</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2016). Graduado em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. E-mail: prferocha@gmail.com

<sup>5</sup> Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – PPCL. Email: pedrolatino9@hotmail.com.

O artigo almeja realizar a consideração de algumas teorias sobre ironia e, consecutivamente, relacionar esta figura de pensamento às ações de três personagens na obra *O Mágico de Oz* (2011).

Para a finalidade mencionada, como eixo teórico da pesquisa científica, seguiremos as contribuições dos pesquisadores Muecke (1997), Zúñiga (2010), Reyes (1994) e Ortega (2005).

O artigo foi postulado mediante pesquisa descritiva, realizada através de um levantamento bibliográfico, de carácter qualitativo. Assim sendo, a seção seguinte abordará algumas teorias sobre a ironia, tanto em aspectos pragmáticos como literários. Posteriormente, trataremos de detectar a ironia nas ações dos personagens na obra de L. Frank Baum, a saber: o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

D.C Muecke (1995), realizando um levantamento sobre os princípios da ironia e seus diversos tipos<sup>6</sup>, destaca algumas características básicas no eixo do que pode vir a ser considerado irônico, como a dicotomia entre uma dada aparência e uma realidade: “O traço básico de toda Ironia é um contraste entre uma realidade e uma aparência” (CHEVALIER, 1932, p. 42 *apud* MUECKE, 1995, p. 52). Assim, um traço fundamental da ironia é que esta só é efetivada, macroscopicamente, no posicionamento de um significado não dito, mas que este é transmitido implicitamente em um enunciado verbal, ou não verbal, expresso:

As implicaturas dependem de uma série de supostos entre os interlocutores, que variarão segundo as circunstâncias: em cada

---

<sup>6</sup> D.C Muecke (1995), dentre a variedade de ironias, destaca: A ironia como ênfase retórica, modestia escarnecedora ou ironia autodepreciativa, zombaria irônica, ironia por analogia, ironia não-verbal, ingenuidade irônica, ironia dramática ou o espetáculo de cegueira, irônica inconsciente, ironia autotraidora, ironia de eventos, ironia cósmica, incongruência irônica, ironia dupla, ironia ardil, ironia romântica.

situação comunicativa, a ironia pode 'levantar' uma quantidade de proposições implicadas que não é possível prever, porque dependem dos conhecimentos compartilhados pelos falantes, conhecimentos sobre o mundo e sobre eles mesmos (REYES, 1994, p. 54-55, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Conforme o inscrito acima, Reyes (1994) chama a atenção para o intercâmbio que deve haver entre os interlocutores, levando-se em consideração as circunstâncias destes, para que, assim, realmente haja comunicação. Dessa forma, os falantes já chegam diante de seu interlocutor com um conhecimento prévio sobre si mesmo e as coisas, situações ao seu redor. Logo, serão estes artifícios mencionados no período anterior – conhecimento de mundo e de si mesmo – que servirão para a compreensão de uma ironia, já que se faz necessário o interlocutor captar o implícito nas mensagens – no caso, aqui, as irônicas – para a ironia cumprir, de maneira bem-sucedida, seu papel.

Quando um falante de espanhol emite uma frase, podemos dizer basicamente que é uma oração formada por palavras em uma língua castelhana. Não obstante, o falante não apenas prefere proferir palavras, uma atrás da outra, uma vez que ele realiza coisas com elas: afirma, postula uma questão, dá uma ordem, expressa um desejo... Falar não é apenas encadear palavras sem um fim, pelo contrário, falar é expressar sentimentos, estados de ânimo, ou informar com certa intenção (ZÚÑIGA, 2010, p. 03, tradução nossa)<sup>8</sup>.

De acordo com esta última citação, salienta-se que as palavras, muito mais do que apenas um código lexical linear de uma dada língua, na verdade são signos que carregam o poder de acionar, por parte de indivíduos motivados por alguma intenção, determinadas atitudes em seres racionais e inanimados. A pragmática,

<sup>7</sup> Las implicaturas dependen de una serie de supuestos entre los interlocutores que variarán según las circunstancias: en cada situación de comunicación, la ironía puede 'levantar' una cantidad de proposiciones implicadas que no es posible predecir, porque dependen de los conocimientos compartidos por los hablantes, conocimientos sobre el mundo y sobre ellos mismos.

<sup>8</sup> Texto original: Cuando un hablante de español emite una frase podemos decir básicamente que es una oración formada por palabras en la lengua castellana. No obstante, el hablante no sólo profiere palabras, unas detrás de otras, sino que realiza cosas con ellas: asevera, plantea una cuestión, da una orden, expresa un deseo... Hablar no es sólo encadenar palabras sin más, por el contrario, hablar es expresar sentimientos, estados de ánimo o informar con cierta intención.

portanto, exerce a função de dar o real valor às palavras, fazendo com que estas venham a adquirir o sentido de acordo com o contexto em que são produzidas.

Nesse viés, é preciso o leitor ter uma sensibilidade na percepção dos enunciados, indo muito além dos léxicos, mas que ele possa meditar nos cenários, enunciadores, situação, com a finalidade de conseguir detectar a ironia, além do mais “[...] um enunciado é irônico porque ecoa: a ironia verbal consiste em se fazer eco de um pensamento ou emissão que se atribui de modo tácito, mediante uma atitude distante e também tácita com respeito a ela” (WILSON; SPERBER, 2004, p. 265 *apud* ORTEGA, 2005, p. 34)<sup>9</sup>. Em linhas curtas, a ironia é ocorrida no distanciamento do dito por um emissor em relação às atitudes dele ou dos seres à sua volta.

Tratando especialmente da ironia na ficção, é possível extrair da prosa vários exemplos. Muecke traz o caso de *Gift of the Magi*, de O. Henry, em que é imperante a Ironia de Eventos: “[...] um jovem vende seu relógio para comprar pentes para os longos cabelos da esposa, os quais ela precisou vender para comprar para ele uma corrente de relógio [...]” (MUECKE, 1995, p. 108). A literatura, portanto, carrega uma fonte vasta de obras que possuem a ironia na mecânica de seus enredos.

Zúñiga (2010) ainda ressalta que, na literatura, há a carência de elementos pragmáticos para a decodificação do enunciado, por isso “[...] na literatura, os autores conseguem nos sugerir, através da ironia, como eles compartilham com seus leitores uma visão burlesca ou cínica do mundo que eles descrevem para nós” (ZÚÑIGA, 2010, p. 32)<sup>10</sup>. A obra literária, assim, remete-nos a um diálogo com o autor, intermediados pelo mundo criado por ele em sua experimentação artística. No entanto, fica a cabo do leitor encontrar as lacunas a serem preenchidas com a ironia na obra de um dado artista.

<sup>9</sup> Texto original: “[...] un enunciado es irónico porque es ecoico: la ironía verbal consiste en hacerse eco de un pensamiento o emisión que se atribuye de modo tácito, mediante una actitud distante y también tácita respecto a ella”.

<sup>10</sup> Texto original: “[...] la Literatura, los autores consiguen sugerirnos a través de la ironía cómo comparten con sus lectores una visión burlesca o cínica del mundo que nos describen”.

### 3 O ECO IRÔNICO EM *O MÁGICO DE OZ*

Na obra em destaque, *O Mágico de Oz*, há um enredo que se inicia, na maior parte de sua inteireza, na jornada de uma garota, Dorothy<sup>11</sup>, com mais três seres: o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde. O comum a todos os mencionados é o fato de visarem, ao longo da caminhada, um objetivo, acreditando que Oz, conhecido por ser um mágico superpoderoso, realizará os sonhos deles.

Aqui serão resgatados os desejos do Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde, sendo preciso haver uma sensibilidade à ironia de eventos (MUECKE, 2011) que passa a ocorrer, com base nas ações realizadas por parte dos personagens durante o enredo. Inicialmente, serão trazidas as cenas da obra e, seguidamente, uma análise tracejando a ironia dos excertos em destaque.

Referente ao Espantalho, este almeja um cérebro. Após ter sido livrado por Alice do poleiro, o Espantalho passa a desabafar a ela o porquê de ter sido despertado para o anseio de um cérebro: ele havia sido confrontado por um corvo, o qual disse que o fazendeiro era ingênuo em achar que um espantalho o espantaria e que, por sua vez, o Espantalho seria um homem caso tivesse um cérebro, ainda sendo taxativo ao mencionar que cérebro é a única coisa importante neste mundo:

Depois que os corvos se foram, pensei sobre isso [o Espantalho], e decidi que iria me esforçar para arrumar um cérebro. Por sorte você veio e me tirou do poleiro; e pelo que você diz, tenho certeza de que o Grande Oz vai me dar um cérebro assim que chegarmos à Cidade das Esmeraldas' (BAUM, 2011, p. 38).

Sendo assim, o Espantalho segue a jornada em busca da cidade de Oz, à procura deste, juntamente com sua nova amiga. Logo Dorothy resgata outro sujeito, um homem totalmente feito de lata, também possuidor de um sonho: ter um coração. Este estava imóvel na floresta, uma vez que as juntas estavam

<sup>11</sup> Vem a calhar dizer que Dorothy ao longo de toda a trajetória está com o cachorrinho dela, Totó. Este, diferente de outros seres personificados, não desempenha funções apontadoras de uma prosopopeia em relação a ele.

enferrujadas há mais de um ano e ninguém havia aparecido para lubrificá-lo nesse período de tempo.

O Homem de Lata passa a mencionar como veio a se tornar um sujeito inteiramente feito de flandres, isto vindo a ocorrer pelos poderes mágicos de uma bruxa má, desejosa de matar o amor do homem por uma donzela que este amava. Dessa forma, a feiticeira encantou o machado do homem, este até então um sujeito comum, de carne e osso, fazendo-o escorregar sempre, em seguida, este decapitando alguma parte do próprio corpo. Gradativamente, um ferreiro restituía a parte do corpo cortada do lenhador por um membro de lata. De maneira que o corpo do homem ficou todo constituído de lata, através das restaurações do ferreiro. Agora sendo todo revestido de lata, o machado não mais o conseguia decapitar. No entanto, havia um problema, segundo o Homem de Lata:

Mas, veja só, eu não tinha mais coração, então perdi todo meu amor pela garota Munchkin, e não me importei de não me casar com ela. Acho que ela ainda deve estar morando com a velha, esperando que eu vá buscá-la (BAUM, 2011, p. 46).

Ao ter por objetivo um coração, o Homem de Lata, então, passa a entrar na jornada rumo a Oz, com Dorothy e o Espantalho. Ele deseja conseguir um coração para voltar a sentir amor pela donzela, infelizmente não mais tendo afeição por ela agora, pois faltava-lhe um coração no novo corpo.

Por conseguinte, Dorothy, o Espantalho e o Homem de Lata estavam na floresta quando escutaram um alto rugido e logo em seguida um animal veio a saltar na estrada, atacando-os. Era um leão. O desejo do Leão passa a ser coragem. Quando Dorothy viu a iminência do grande animal morder Totó, o pequeno cachorro dela, esta veio a dizer que o leão era um covarde, por estar querendo morder um ser tão pequeno. O leão passa a assumir que é um covarde, mesmo os outros animais o temendo e o respeitando pelo rugido e por tê-lo como o Rei dos Animais. Isto dito, Dorothy, o Espantalho e o Homem de Lata dizem também o que falta a eles, e que por isso estavam indo em busca de Oz, por este ter o poder de realizar o

desejo de cada um deles. Ao saber disso, o Leão Covarde recupera um pouco de ânimo e diz:

- Acha que Oz pode me dar coragem? – perguntou o Leão Covarde.
- Tão fácil quanto me dar um cérebro – disse o Espantalho.
- Ou me dar um coração – disse o Homem de Lata.
- Ou me mandar de volta para casa – disse Dorothy.
- Então, se não se importam, vou com vocês – disse o Leão. – Porque minha vida é simplesmente insuportável sem um pouco de coragem (BAUM, 2011, p.52).

Dessa forma, Dorothy e seu cachorro, o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde seguem rumo ao encontro de Oz, para que este possa realizar o desejo dos aventureiros. A ironia verbal passa a ser algo constante desde os encontros de Dorothy com os seus novos amigos. Nota-se uma incongruência, pragmaticamente, do desejo verbalizado pelos personagens em relação às ações realizadas por eles (ZÚÑIGA, 2010).

### 3.1 O Espantalho

O Espantalho, cujo desejava um cérebro, de maneira hábil conseguia resolver as situações. Diante de uma grande vala profunda, contendo pedras afiadas ao fundo e, ainda, a qual dividia a floresta, os companheiros não souberam o que fazer, até mesmo acreditando no fim da jornada deles naquele momento. Uma vez que Dorothy, o Leão Covarde e o Homem de Lata expressaram não saber o que fazer frente à situação, o Espantalho veio a dizer:

- Não podemos voar, isso é certo. Nem podemos descer por essa grande vala. Portanto, se não podemos saltar por ela, devemos parar onde estamos.
- Acho que eu poderia saltar – disse o Leão Covarde, depois de medir a distância com cuidado em sua mente.
- Então estamos bem – respondeu o Espantalho. – Porque você poderia nos carregar em suas costas, um de cada vez.
- Bem, vou tentar – disse o Leão. – Quem vai primeiro?

- Eu vou – prontificou-se o Espantalho. – Porque, se você não conseguir atravessar a fenda, Dorothy morreria e o Homem de Lata se amassaria todo nas rochas lá embaixo. Mas se eu estiver nas suas costas, não vai importar tanto, porque a queda não me machucará nada. (BAUM, 2011, p.58-59).

Conforme o fragmento acima, é perceptível o Espantalho como mediador de soluções e ponderações, possuidor de um exímio poder calculista, zelando pela vida de todos os seus companheiros em vista da situação tensa apresentada. Isto fica evidente quando, por exemplo, o Espantalho é perspicaz, medindo a consequência da queda no caso de cada um dos amigos, sendo prescritivo no tocante ao que deve ou não ser feito. Desta forma, pragmaticamente, o Espantalho mostra uma “atitude distante” (WILSON; SPERBER, 2004, p. 265 *apud* ORTEGA, 2005, p. 34) à própria verbalização, quando este diz precisar de um cérebro, no entanto, ele demonstrando atitudes bem pensadas.

### 3.20 Homem de Lata

Em seguida, temos o Homem de Lata tomando atitudes desarmônicas com a falta de sensibilidade emocional, por não ter um coração, mencionada por ele. Em um dado momento, quando o Homem de Lata estava conversando com o Espantalho, ele observou um gato selvagem perseguindo um rato. Racionalmente o Homem de Lata mencionou que, embora não tivesse coração, sabia o erro que era atacar um animal pequeno e inofensivo como aquele rato. À vista disso, o Homem de Lata apanha o machado dele e dá um golpe na cabeça da fera, matando-a. Diante do ato heroico:

O rato, agora livre do seu inimigo, parou imediatamente, veio lentamente ao Homem de Lata e disse numa vozinha estridente:  
-Oh, obrigado! Muito obrigado por salvar minha vida.  
-Não foi nada, deixe pra lá – respondeu o Homem de Lata. – Eu não tenho coração, sabe, então me preocupo em ajudar todos os que precisam de um amigo, mesmo que seja só um ratinho (BAUM, 2011, p. 76).



O Homem de Lata associa, ingenuamente, em um mesmo plano semântico de causa e efeito, o fato de ele não ter coração com a atitude de preocupação para com o rato. É evidente, portanto, a ironia disparada no evento em destaque. Como o Homem de Lata diz que não possui coração, sendo este justamente o soberano em motivá-lo a ter se compadecido da vida do rato? Portanto, assim como o Espantalho, o ser de flandres deseja algo já em sua posse, havendo, assim, um contraste entre a aparência, transmitida pelo próprio ser, o Homem de Lata, e a realidade (CHEVALIER, 1932 *apud* MUECKE, 1995) – ocasionada pela ação empática do personagem, ao salvar o rato.

### 3.3O Leão Covarde

A ironia também ecoa nas ações do Leão Covarde. Remetendo-se ao primeiro recorte desta seção de análise, diante da extensa vala com pedras afiadas, o Leão se prontificou em atravessá-la levando seus companheiros, arriscando a própria vida e, desta forma, tragando a coragem que, segundo ele, faltava-lhe.

Logo, a coragem do Leão Covarde torna-se gritante no enfrentamento deste contra os Kalidahs, feras monstruosas com corpo de urso e cabeça de tigre, quando ele coloca todos os companheiros atrás dele, protegendo-os e diz: “- Estamos perdidos, porque com certeza eles vão nos cortar em pedaços com suas garras afiadas. Mas fiquem bem atrás de mim, vou lutar com eles até a morte” (BAUM, 2011, p. 63). Embora o Espantalho genialmente tenha conseguido bolar a ideia de pedir ao lenhador, o Homem de Lata, para cortar a árvore que serviu para atravessarem a vala quando agora dois Kalidahs estavam passando por ela, morrendo as feras horrendas nas rochas afiadas no fundo da vala, não é possível suavizar a extrema coragem do Leão “covarde”, estando este disposto até a dar a própria vida em prol dos amigos, pronto para lutar contra criaturas muito mais fortes do que ele.

Assim, o Leão Covarde já chega com um conhecimento prévio de si mesmo – de que ele é covarde – para seus interlocutores (Dorothy, o Espantalho e o Homem

de Lata). Entretanto, a ironia é efetivada por ações dissonantes do conhecimento prévio (REYES, 1994) que o Leão Covarde tem de si mesmo, uma vez que este corajosamente chega até a arriscar a própria vida pelos seus amigos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foram consideradas brevemente algumas postulações teóricas acerca da ironia, para, depois, haver uma análise dos enunciados de três personagens da obra *O Mágico de Oz* – o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde – em relação às atitudes destes durante a trama. Constatou-se uma dissonância entre o desejo verbalizado dos protagonistas (não levando em consideração aqui Dorothy, também protagonista) e as ações deles.

Dessa forma, houve êxito no objetivo proposto nesta investigação científica – identificar a ironia nos personagens destacados: o Espantalho desejava um cérebro sendo o das ideias mais plausíveis, resolvendo os percalços da viagem; o Homem de Lata desejava um coração sendo o mais empático aos sentimentos dos outros durante a jornada, o que veio também a ajudar seus amigos, já que ele conseguiu criar laços com algumas comunidades, as quais, posteriormente, vieram a retribuir aos desbravadores os favores feitos por eles; o Leão Covarde desejava coragem sendo o mais ágil em defender seus amigos durante as ameaçadas da caminhada, a ponto de estar disposto até a dar a própria vida pelos seus companheiros.

Os desbravadores da experimentação artística de Frank Baum atizam reflexões sobre o sujeito. Eles saíram à procura de algo que, no pensamento deles, lhes faltava, mas, em contrapartida, já possuíam. Sair atrás de algo já em posse, por parte daquele que se sente carente, não é uma atitude apenas de seres fictícios, mas de muitos no plano real. Logo, a fronteira da fantasia é violada pelo leitor, quando este realiza suas inferências na obra literária.

## REFERÊNCIAS

BAUM, L. F. *O Mágico de Oz*. Tradução Santiago Nazarian. São Paulo: Barba Negra, Leya, 2011.

MUECKE, D.C. *Ironia e o irônico*. Tradução Geraldo de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ORTEGA, M. B. A. La ironía y la cortesía: una aproximación desde sus efectos. Alicante: *ELUA*. n. 19, pp. 33-45, 2005.

REYES, G. *Los procedimientos de cita: citas encubiertas y ecos*. Madrid: Arcolibros, 1994.

ZÚÑIGA, M. V. La ironía y el humor através de la literatura. Una dimensión de la pragmática cognitiva en la enseñanza de ELE. *Marco ELE. Revista de didáctica ELE*, Valencia, n. 10, pp. 01-51, 2010.